

A Globo toma as rédeas

As Organizações Globo abrem o debate sobre o papel do jornalismo atual com a publicação de princípios editoriais conservadores, normativos e pouco atentos às transformações culturais.

Por Fernanda Mauricio*

No dia 6 de agosto de 2011, a Globo circulou em seus veículos os [“Princípios Editoriais das Organizações Globo”](#), um extenso documento no qual procura detalhar quais devem ser os procedimentos dos jornalistas do grupo e quais princípios devem nortear seu trabalho. A justificativa para a publicação do documento é que na era digital há uma certa confusão entre o que é e o que não é jornalismo dado que diversos indivíduos, isolados ou em grupo, podem publicar e possuir audiência pela disponibilização de conteúdos. Com isso, a Globo procura assumir seu lugar institucional na concepção do jornalismo numa sociedade em transformação.

É notável, porém, que tanto na definição do jornalismo, quanto dos princípios e valores que nele devem estar impregnados a Globo assume uma postura tradicional, recusando-se a incorporar práticas que têm transformado o jornalismo e que ficam evidentes em seus produtos. Assim, o documento é demasiadamente normativo, busca construir um conjunto de regras sobre como o jornalismo deve ser, atentando pouco para como ele efetivamente se realiza, assume seu papel e atrai audiência.

O documento deixa claro que não pretende ser um manual de procedimentos, mas apresentar parâmetros para “facilitar o julgamento do público sobre o trabalho dos veículos”, a fim de que os consumidores de informação avaliem se as crenças que os veículos possuem sobre o jornalismo estão em conformidade com as práticas. Nesse conjunto de parâmetros, são apresentados princípios morais e princípios de conduta que devem ser adotados pelos jornalistas.

Os princípios morais revelam os ideais que norteiam a profissão: isenção, interesse público, transparência, independência, vigilância, que estão dispersos por todo o documento. Os princípios de conduta dizem como a Globo pretende agir em situações concretas, a fim de garantir transparência e ética nas coberturas: os diversos ângulos da notícia, a divulgação de denúncias por fontes anônimas, a prioridade das próprias investigações do grupo globo, a decisão de publicar ou não cenas chocantes. Esses princípios têm como objetivo a construção de um jornalismo de qualidade – através de valores de isenção (e seus derivados: interesse público, independência, transparência) e agilidade – e de credibilidade – relacionado ao parâmetro de correção.

No que diz respeito ao telejornalismo, é curioso que a Globo reafirme valores tão conservadores, uma vez que suas produções são ousadas no que diz respeito à busca de novos formatos, especialmente na aproximação com seus produtos de entretenimento, especialmente a teledramaturgia e os reality shows. Neste site, mais de uma vez foram discutidos aspectos dessa aproximação em quadros como [Medida Certa](#) e [Planeta Extremo](#). Visto que esta é uma prática dos programas jornalísticos da TV Globo, não seria relevante pensar o entretenimento como uma característica da sociedade que impõe formas específicas de assistir televisão, interpretar os produtos, formar opinião?

A explicação para o conservadorismo está no final do documento: a afirmação dos valores dos quais não se pode abrir mão – a democracia, as liberdades individuais, os direitos humanos, e a busca de um indivíduo auto-centrado, autônomo, maduro e capaz de discernir entre o certo e o errado para a busca de sua felicidade. Esses preceitos remetem diretamente ao Iluminismo e ao momento histórico em que o jornalismo se fortaleceu como instituição social. Claro que a democracia, as liberdades, a preservação da natureza são fundamentais e devem estar no centro da discussão entre jornalismo, poder, cultura e sociedade. No entanto, todo o discurso das Organizações Globo é tomado a partir do pressuposto de que esses valores “são evidentes por si só” e, por isso, não merecem uma explicação mais elaborada. A Globo desconsidera que ao longo de dois séculos já houve transformações no próprio exercício da democracia que sustenta seus princípios editoriais.

A dimensão de felicidade explicitada pelo jornalismo hoje, já não está mais condicionada apenas à construção da cidadania política, mas a critérios que visam formar um indivíduo autônomo e seguro de si a partir de parâmetros voltados para o eu: o bem estar, a qualidade de vida, a realização na carreira e na vida pessoal, a auto-estima. A própria Globo ratifica esses valores em seus programas jornalísticos, ao pautar a falta de qualidade de vida nas grandes cidades, a saúde como meta para a realização pessoal, as normas de convívio entre vizinhos, a busca dos jovens por uma carreira que traga recompensas financeiras e emocionais, as relações interpessoais no ambiente de trabalho como padrão para o bom desempenho dos funcionários. Os princípios que regem a atividade jornalística deveriam levar em conta essas transformações e apontar para o futuro, ao invés de retomar um discurso inteiramente formado no passado.

Apesar dessas ressalvas, o protocolo da Globo traz como ganho principal a necessidade de instituições e sociedade discutirem o jornalismo atual. A publicação dos princípios editoriais demonstra que talvez este seja um momento de transformação em que discursos distintos sobre o jornalismo estarão em disputa para redefinir conceitos e práticas. Para isso, o jornalismo deve investir menos em regras rígidas e estabelecidas e estar mais atento aos novos valores do mundo que noticia e como eles reconfiguram as formas de fazer e consumir o jornalismo.

* Fernanda Mauricio da Silva é doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).